

A Clareza do Não-Dito: A Pragmática de J.D. Salinger

The Clarity Of The Unsaid: J.D. Salinger's Pragmatics

Eduardo da Silva Forgiarini¹

Resumo: Este artigo fala sobre o livro *Nove histórias*, de J.D. Salinger. No entanto, o conto *Um dia perfeito para peixes-banana*, o primeiro dos nove, parece ser o ponto fora da curva dessa unidade que constitui o livro. Por esse motivo, ele constitui o objeto de análise escolhido, na tentativa de entender e explicar o porquê dessa dissonância com o livro todo. A abordagem usada para tanto foi a da Teoria da Relevância, por natureza, pragmático-cognitiva. Essa teoria se deve às afirmações do filósofo da linguagem Paul Grice, e aqui dispor-se-á segundo os pressupostos de Deirdre Wilson e Dan Sperber (2005), ambos ancorados no modelo inferencial de Grice. A conclusão do estudo é a de que não apenas Salinger deixa toda a sua história bastante clara, dentro das entrelinhas, por antecipações e oclusões de informação, mas também o faz para que busquemos a relevância contida na sua ficção.

Palavras-chave: J.D. Salinger; Teoria da relevância; Linguística; Literatura.

Abstract: This article shall be about the book *Nine Stories*, by J.D. Salinger. However, the shortstory *A Perfect Day for Bananafish*, the first of the nine ones, seems to be the point outside the curb of that unity that holds the book together. For that reason, it will be the chosen as subject of analysis, in an attempt to understand and explain the reason why such dissonance with the whole book. The approach to be taken for this attempt will be the Theory of Relevance, by nature, pragmatic-cognitive. That theory is due to the statements of the philologist Paul Grice, and here it will be arranged according to the assumptions of Deirdre Wilson and Dan Sperber (2005), both anchored on Grice's inferential model. The conclusion of the study is that not only does Salinger make his whole story quite clear, uncovered, by anticipation and

¹ Doutorando em Letras - Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR, 2023-presente), onde também obteve o título de Mestre em Letras - Estudos Literários (UFPR, 2022). Tem especializações em Literatura Brasileira (2020), Educação do Campo (2020) e Metodologia do Ensino Religioso (2020), ambas pela Faculdade UNINA, de Curitiba. Além disso, é Licenciado em Letras - Português pela mesma UFPR (2019) e Licenciado em Letras - Português-Inglês pela UniCesumar (2023). E-mail: esforgiarini@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4518-7003>.

concealment of information, but he also does it so that we can search for the relevance contained in his fiction.

Keywords: J.D. Salinger; Theory of relevance; Linguistics; Literature.

*“Nada na voz da cigarra declara que ela morrerá tão cedo”, Teddy disse de repente.
‘Por esta estrada caminha ninguém, nesta tarde de outono.’”
- J.D. Salinger, Nove Histórias*

Introdução

O que não é dito, em J.D. Salinger, começa assim que temos acesso aos seus livros. *Blurbs*? Textos nas orelhas? Na contracapa? Textos de apoio dentro do próprio livro? Uma biografia encurtada do autor? Nada. As edições atuais, ao menos, não trazem nenhuma sorte de paratextos. Eles se vendem, pode-se dizer, por si próprios. E não demandam que alguma personalidade do mundo da cultura nos diga o quanto foi influenciada pelo trabalho de Salinger para que, isso nos influencie, de algum modo, a adquirir as suas obras, como ocorre com os *best-sellers* do mundo de hoje. Isso, porém, não constitui mérito para Salinger e demérito para os autores *best-sellers*. Trata-se apenas de uma característica.

Com *Nove Histórias* não seria diferente. Temos nele, como se espera, nove contos, que, nalguma medida, se entrelaçam e se sustentam por si mesmos. No entanto, o conto *Um dia perfeito para peixes-banana* (doravante apenas *Um dia*), o primeiro dos nove, parece ser o ponto fora da curva dessa unidade que constitui o livro. Por esse motivo, será ele o objeto de análise deste artigo, na tentativa de entender e explicar o porquê dessa dissonância com o livro todo.

A abordagem usada foi a da Teoria da Relevância, por natureza, pragmático-cognitiva. Essa teoria se deve às afirmações do filósofo da linguagem Paul Grice, e, aqui, está disposta segundo os pressupostos de Deirdre Wilson e Dan Sperber (2005), ambos ancorados no modelo inferencial de Grice.

Esforço parecido com esse foi feito por Chagas e Bittencourt (2019), autores do texto *Sobre as funções e a materialidade linguística da ficção: homeostase, affordances, relevância*, no qual discutem a função da literatura (acima de tudo a ficção): por que ela existe e por que a lemos? Eles partem da tese de que a ficção tem relação direta com o prazer. Esse motivo, que conversa de perto com o hedonismo envolvido no processo todo “[...] pode soar estranho [, uma vez que] dignificar intelectualmente o prazer e associá-lo

a funções relevantes conflita com a desconfiança que ronda o assunto [...]” (p. 20) Ainda assim, de modo exploratório, os autores se propõem a atualizar a visão que temos da literatura, mais restritamente, e da ficção, mais abertamente. Para tanto, utilizam-se de três conceitos: a homeostase, segundo António Damásio, *affordances*, para Terrence Cave (inspirado no trabalho de James Gibson), e o de relevância, trazido da pragmática de Sperber e Wilson.

O que eles fazem em seu artigo é, de certo modo, uma atualização dessa discussão sobre as funções da ficção. Para além de falar do porquê, nós a lemos e temos lido durante séculos (e sua hipótese está mais próxima da homeostase, de Damásio), eles também se dispõem a falar sobre como continuamos a lê-la, materialmente, isto é, o que, no próprio texto, faz com que continuemos a lê-lo - coisa que fica a cargo das *affordances* e da relevância. Assim, apropriando-se de conceitos de outras áreas, como a biologia e a linguística, fazem uma discussão teórica sobre um dos questionamentos de base dentro dos estudos literários: por que há literatura (ainda)?

Aqui, não se busca, evidentemente, colocar o que já foi posto, mas, a partir de tentativas como a desses autores, pensar como outras áreas podem contribuir aos estudos literários, desde um nível mais amplo, até o mais restrito, como a análise de um conto.

Teoria da Relevância

Elaborada nas décadas finais do século XX, por Sperber e Wilson, a Teoria da Relevância é um modelo pragmático-cognitivo para o entendimento da comunicação humana. De acordo com os autores, “a comunicação humana se realiza por meio de dois mecanismos: o primeiro é baseado na codificação e decodificação de enunciados, e o segundo, baseado na ostensão por parte do falante e na inferência feita pelo ouvinte.” (NAZÁRIO, 2011, p. 60) Essa ostensão de que se fala remete à intenção do falante de deixar clara a mensagem que deseja manifestar. (NAZÁRIO, 2011)

Nesse rumo, a abordagem sugerida por Sperber e Wilson parte de dois princípios:

O princípio lógico baseia-se nos moldes da lógica formal para a construção das hipóteses interpretativas (formulando e confirmando essas hipóteses), quer dizer, a partir de formas lógicas (enunciados) constroem premissas e conclusões à semelhança do modelo formal. Todavia, essas premissas e conclusões não têm caráter de verdade absoluta, muito ao contrário, são

possibilidades para uma interpretação plausível, realizada tendo como base um modelo dedutivo de inferências que seguem um cálculo não-trivial (não podem ser provadas, mas deduzidas).

Já o *princípio cognitivo* funda-se nos preceitos da psicologia cognitiva, que vê o processo do raciocínio humano não como uma estrutura, mas o considera algo dinâmico e ligado a fatores como atenção, memória e representação conceitual, o que será fundamental para o processamento de deduções. (NAZÁRIO, 2011, p. 60)

Tudo isso nos leva a uma abordagem chamada de pragmática inferencial. Para que a entendamos melhor, convém pensar que seu objetivo seria nos explicar de que maneira o ouvinte consegue inferir o significado em enunciados produzidos pelo falante, tendo como base ao menos uma evidência fornecida. (SPERBER & WILSON, 2005) Não obstante,

A abordagem teórica da relevância é baseada em outra das afirmações centrais de Grice: a de que os enunciados criam automaticamente expectativas que guiam o ouvinte na direção do significado do falante. (p. 222)

Dessa maneira, quando um falante (aqui, um autor) produz um enunciado, independentemente da natureza desse enunciado (isto é, seja ele uma frase longa, um simples “bom dia” seja apenas uma exclamação como o “ah”), espera-se que, de algum modo, o seu ouvinte (aqui, o leitor) decodifique a sua mensagem e atribua significado a ela. Só aqui já temos o objetivo principal da escrita e, mais amplamente, da comunicação humana: alguém produz uma mensagem para que um outro a decodifique e atribua significado a ela.

Ainda que nem toda mensagem tenha relevância ao ouvinte, segundo a teoria, “[...] expectativas de relevância geradas por um enunciado são precisas e previsíveis o suficiente para guiar o ouvinte na direção do significado do falante.” (SPERBER & WILSON, 2005, p. 222) Isso ocorreria por meio de *inputs* conversacionais, sejam eles visuais, sonoros ou de outra ordem comunicativa.

Mas quando um *input* é relevante? Quando, por exemplo, o ouvinte pode se beneficiar de conclusões que importam a ele, ou seja, quando há certo *background* ao qual se conectar e, então, produzir sentido; a resposta para uma pergunta que o ouvinte tenha, ou, em outras palavras,

um *input* é relevante para um indivíduo quando seu processamento, em um contexto de suposições disponíveis, produz um EFEITO COGNITIVO

POSITIVO. Um efeito cognitivo positivo é uma diferença vantajosa na representação de mundo do indivíduo: uma conclusão verdadeira, por exemplo. Conclusões falsas não são posses vantajosas; elas são efeitos cognitivos, mas não são efeitos positivos. (SPERBER & WILSON, 2005, p. 223, destaque dos autores)

No campo das inferências, conforme afirmam Chagas e Bittencourt (2019), não há como prever, quais inferências um leitor pode realizar durante a leitura de um texto ficcional, como *Um dia*. Ainda assim,

Inferências podem, a princípio, emergir de qualquer estímulo textual. Não há como antecipar a informação textual que despertará, na mente do leitor, certo conteúdo semântico. Mas note-se que os termos são bem esses: as inferências emergem na mente do leitor, à revelia do seu controle racional. Pela teoria da relevância de Dan Sperber e Deirdre Wilson, que tomamos como referência, falantes lançam enunciados que ostensivamente procuram estimular os ouvintes a inferir conteúdos intencionados, mas isso pode funcionar ou não: não há como controlar as inferências do ouvinte. O mesmo vale para a autoria de um texto: certas informações são ostensivamente previstas para estimular certas inferências, numa intenção de comunicação que, em muitos casos, podemos precisar com razoável certeza –é possível localizar no texto certas intenções de comunicação e seus conteúdos visados, mesmo que seja impossível precisar o conteúdo inferido pelo leitor (que será mediado pelo seu conhecimento e memória, que serão decisivos na formação dos juízos e das imagens mentais, sempre personalizadas, sobre personagens, lugares e situações ficcionais). (p. 36)

Não falemos, pois, de intencionalidade autoral, porque essa não há como conhecer de fato. Um autor que diz que sua obra é fruto puramente de genialidade, por exemplo, está, nalguma medida, valendo-se da aura mística envolta na produção de uma obra de arte. Tampouco falemos em efeitos gerais nos leitores, haja vista que cada leitor tem sua experiência pessoal de leitura reservada a si e ao seu repertório cultural, intelectual, emocional, dentre outros. Ao falarmos, durante todo este artigo, sobre leitor, falaremos de uma espécie de leitor ideal, quase imaginário, que reúna em si ao menos um pequeno leque de características comuns à grande massa leitora da nossa sociedade. E quanto à autora, resta-nos confiar nos mecanismos linguísticos utilizados no texto, sendo eles nossa única fonte de hipóteses em relação a possíveis intenções autorais.

Tendo isso em mente, é do que falaremos neste texto: como o que não é dito sobre e na obra de Salinger, por ele mesmo, inclusive, pode e tem relevância. A tese deste artigo é a de que Salinger coloca todos os pontos de relevância (isto é, todas as pistas sobre o desfecho do conto) nas entrelinhas e desde o começo desse conto. Isso, é claro, não é novidade nenhuma. Salinger não será o primeiro e tampouco o último autor a fazê-lo.

Entretanto, aqui se pretende discutir como o autor o faz, quais os possíveis mecanismos textuais que ele utiliza e seus possíveis efeitos.

Um dia perfeito para peixes-banana?

A cena de abertura do conto não existia na primeira versão publicada. Salinger, então, a inseriu com algum intuito. Qual a sua relevância? À primeira vista, ela não parece muito esclarecedora. Trata-se de um olhar sobre Muriel Glass no seu quarto de hotel, atendendo a um telefonema de sua mãe. Mas, quando a analisamos mais de perto, temos algumas respostas para o desfecho do conto.

A primeira resposta, por exemplo, seria para a pergunta: sabendo como Seymour realmente é, por que a esposa aceitou se casar com ele, e, mais adiante, por que decidiu persistir nessa relação? Ora, ela “Era uma moça que, diante de um telefone que tocava, jamais abandonaria uma tarefa.” (SALINGER, 2019, p.11) Persistente. Determinada, talvez. Aqui, portanto, temos um efeito de relevância para qualquer leitor que busque o sentido de perguntas como essas. O *input* está colocado em uma frase simples e, ao que parece, despretensiosa. Em Salinger, contudo, é despretensioso.

Seguimos pensando por que Muriel só recebe um nome a certa altura da cena, e o nome que recebe não é de fato um nome: é, primeiramente, chamada apenas de moça do 507, e, depois, de Sra. Glass. Qual a relevância de um nome? Quando travamos contato com um personagem (ou mesmo com uma pessoa), não é a primeira informação que tendemos a considerar? Então, por que Salinger vai adiando esse momento? Isso parece expressar o impacto que ela tem na vida de Seymour (nesse conto), já que, na cena final, ele sequer a considera antes de cometer suicídio.

Há também certa preocupação da mãe de Muriel para com Seymour. Durante a conversa ao telefone, a mãe pergunta coisas, como “*Ele* dirigiu?”, “Ele tentou aquelas bobagens com as árvores?”, “Como que ele estava - no carro e tal e coisa?”, “E ele ficou te chamando daquela coisa horrorosa de -”, e às respostas para essas perguntas, se permite comentários como “Que horror. Um horror. É *triste*, na verdade, é bem isso.” Todas essas falas nos dão uma ideia sobre a relação de Seymour com sua sogra. Não parece ser uma relação amistosa, e a mãe tampouco parece aprovar o relacionamento da filha. Os *inputs* colocados nesse diálogo por Salinger estão mais às claras. Porém, o que não fica claro, e

que leva o leitor a tentar atribuir sentidos a esse diálogo, é o porquê da mãe fazer essas perguntas e utilizar esse tom de reprovação. O que teria acontecido a Seymour, no passado? Até aqui, não sabemos muito sobre ele.

Logo, a cena termina e encontramos o começo original do conto: “‘Se mói glé’”, uma tentativa de pronúncia de Seymour Glass, por Sybil, uma criancinha. Seymour está na praia conversando com Sybil. Temos acesso a falas do personagem sobre seu signo, conhecemos um pouco mais o Seymour de que se falava na primeira cena. No entanto, uma versão contada por si próprio e que se apresenta diferente da imagem criada por Muriel e pela mãe. E é aqui que surge a expressão que dá título ao conto: “A gente vai ver se consegue pescar um peixe-banana.”

Esse Seymour que sabe conversar muito bem com uma criança, fornecendo-lhe informações que tenham relevância para ela e, portanto, permitindo o andamento do ato comunicativo. E.g., “‘Se tem uma coisa que eu gosto, é de um maiô bem azulzinho’ [fala de Seymour] [...] ‘Esse aqui é *amarelo*’, ela disse. ‘Esse aqui é *amarelo*.’ [fala de Sybil]”. Seymour saber perfeitamente qual a cor do maiô de Sybil, então por que diz ser azul quando é, na verdade, amarelo? Talvez porque queira que a conversa tenha continuidade, e sabe que utilizar uma informação incorreta no seu enunciado fará com que Sybil queira corrigi-lo.

Dentro de um *princípio lógico*, pensemos em algumas proposições:

- Uma cena inicial que coloca em jogo, através de um diálogo de Muriel e sua mãe, o estado mental de Seymour, o que nos leva a duvidar desse mesmo estado, por consequência. Uma informação em que buscamos relevância.
- Uma cena em que Seymour encontra uma garotinha na praia e com ela se torna amistoso, botando em cheque a percepção inicial que poderíamos ter tido de si; isso porque a dúvida nos seria posta: por que, alguém, que não estivesse bem mentalmente, teria conversas tão verossímeis com uma criança, como as que Seymour tem, sem que houvesse espontaneidade.
- Seymour se suicida, contradizendo o nosso possível alívio em relação à cena com a menina, e reforçando o *input* fornecido na cena inicial.

Não obstante, em acordo com o *princípio cognitivo* esboçado na subseção anterior, pensaríamos nas seguintes proposições:

- No percurso do conto, já não temos forte a memória do que representa a cena inicial. Por estarmos interessados no que virá adiante, ou por querermos ter diante de nós todas as informações para, só então, decidirmos a qual atribuir relevância ou não, acabamos não permitindo que as informações já contidas de início se mantenham inteiras e nos acompanhem a cada linha das cenas subsequentes.
- No enunciado “‘Eu não vou *morrer* disso.’” (p. 15, grifo nosso), a palavra “morte” surge pela primeira e única vez, ainda no início do conto, estabelecendo o tom da narrativa, até que cheguemos ao suicídio de fato. No entanto, não atribuímos a ela a relevância de que nos forneça a informação da morte de Seymour até terminarmos de ler o conto e, caso queiramos, retornemos a lê-la novamente.
- O emprego de palavras no diminutivo, como “pincelzinho” e “chinelinhos” querendo nos passar certa infantilização, ou nos remeter a um universo infantil, ajudam a acertar o tom, que ganha representação na garotinha que Seymour encontra na praia.

São estratégias sutis e sofisticadas as utilizadas por Salinger. Se olharmos bem, todas as informações estão no texto. Inclusive a morte de Seymour, que encerra o conto, mas que, de alguma forma, é já anunciada na primeira cena. Ao menos, há a criação de certa atmosfera, gradual. O mesmo ocorre com “guerra”, no enunciado: “‘Não deu pra gente pegar o quarto em que a gente ficou antes da guerra’, disse a moça.” São dois casos em que dois *inputs* extremamente relevantes para o desfecho do conto, e para entendermos a personalidade de Seymour e o que pode ter acontecido com ele, surgem de maneira espontânea e quase disfarçada. Trata-se, pois, de uma importância não-dita.

Sem embargo, resta uma pergunta: o que, nesse conto, nos faz continuar lendo e atribuindo relevância ao que nos é dito? Para respondê-la, precisamos entender que

A materialidade do texto nos auxilia a distinguir rapidamente a ficção da não-ficção. O processo é relacional: a circulação social dos textos nos ajuda a discernir os diferentes gêneros a partir da materialidade da escrita, gerando expectativas sobre as suas intenções de comunicação. Textos ficcionais serão lidos de maneira própria [...], trazendo em si mesmos a informação necessária

para que o leitor entenda a estória contada, e para que ele apele infraconscientemente a conteúdos mentalmente latentes para inferir conteúdos dos enunciados articulados. (CHAGAS E BITTENCOURT, 2019, p. 39)

Nesse sentido, o que Salinger parece construir é uma narrativa que brinque conosco, à medida que nos dispomos, quando abrimos seu livro, a atribuir relevância a seus enunciados e a produzir inferências semânticas diante do que nos é contado. E a brincadeira se intensifica quando percebemos, ao final do conto, que todas as pistas já estavam lá, gerando o que se pode chamar de *relevância máxima*, nesse processo todo. Isso, talvez, seja o motivo para a inexistência de paratextos em suas obras: se sabemos de antemão o que nos espera, não formularemos hipóteses e, assim, o “efeito cognitivo positivo” de que falavam Sperber e Wilson não acontece, porque não há o que se constatar como verdadeiro, senão uma informação já decodificada por um outro falante (leitor/ crítico/ estudioso).

Últimos apontamentos

A intenção inicial deste trabalho era enxergar a obra de J.D. Salinger sob um viés pragmático. Isso porque, justamente enquanto se lia, percebia-se que Salinger dialogava o tempo todo com a pragmática do nosso mundo. Desde a construção dos seus enunciados, emulando diálogos comuns e cotidianos, por retratar cenas dessa ordem, até estruturas mais profundas na sua obra, como a temática de estresse pós-traumático, no caso de Seymour, até relações falidas e sentimentos reprimidos, como em *O tio Novelo em Connecticut*.

Além disso, entendemos melhor as contribuições que áreas como a linguística (pragmática) têm a oferecer no tocante a análises literárias, fomentando, assim, uma discussão mais frutífera dessa interdisciplinaridade. A Teoria da Relevância trazida aqui nos permite entender melhor a comunicação humana. Sendo uma obra literária, por natureza, um fruto e, talvez, um fim dessa comunicação, olhou-se mais detidamente para conceitos de “relevância” e “inferências” e como tais conceitos contribuem à leitura do conto *Um dia perfeito para peixes-banana*, que ainda que seja o ponto fora da curva no livro *Nove histórias*, é, em alguma medida, representativo da ficção salingeriana produzida até agora.

Não obstante, há que se entender que em nenhum momento de *Um dia* ficamos sabendo os motivadores do suicídio de Seymour (senão em obras posteriores). Mas é nele anunciado todo esse contexto. Em coisas que não são ditas tão claramente, mas que têm relevância, por se utilizarem de nossa predisposição linguístico-cognitiva de atribuir relevância a enunciados. E é nisso, talvez, que resida uma das grandes habilidades narrativas de Salinger: dizer muito, dizendo pouco; ser claro, sem obviedades. Esconder diante dos olhos.

A conclusão do estudo é a de que não apenas Salinger deixa toda a sua história bastante clara, dentro das entrelinhas, por antecipações e ocultações de informação, mas também o faz para que busquemos a relevância contida na sua ficção. Destarte, parece utilizar essa técnica como um mecanismo para que voltemos a lê-lo, ou relembremos a história que se nos acabou de contar.

Há, entretanto, outras possibilidades de abordagem que poderiam se reservar a estudos futuros. Inicialmente, a Teoria da Relevância, conforme conferimos em Chagas e Dolabela (2019), pode ser utilizada para explicar o porquê de lermos ficção (ainda), o que é por si só um marco (com o perdão do trocadilho) extremamente relevante dentro dos estudos literários. O que se quer dizer é que, neste artigo, fez-se uma análise mais particular, restrita a um texto específico. Todavia, outros tipos de discussão podem e devem crescer nesse terreno da interdisciplinaridade, no *continuum* da pesquisa acadêmica em literatura. E por que não trazer para a roda a linguística?

Referências

- CHAGAS, Pedro D.; BITTENCOURT, Náira. Sobre as funções e a materialidade linguística da ficção. **Letras & Letras**, v. 35, n. 1, p. 19-43, 2019.
- NAZÁRIO, Maria de Lurdes. Estudo pragmático: a teoria da relevância no processo comunicativo. **REVELLI–Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas**, v. 3, p. 2-56, 2011.
- SALINGER, J.D. **Nove Histórias**. São Paulo: Todavia, 2019. Tradução de Caetano W. Galindo.
- SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Teoria da Relevância**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 221-268, 2005. Tradução de Fábio José Rauhen e Jane Rita Caetano da Silveira.